**Uma análise hermenêutica através dos séculos até os dias hodiernos[[1]](#footnote-1)**

Sabe-se que é de suma e irrevogável importância saber interpretar tudo o que se lê. A princípio ler um texto não significa compreende-lo, compreender um texto é ir muito mais além de uma leitura, é fazer uma interpretação, ou como sugere esta disciplina, fazer uma hermenêutica daquilo que se está lendo, analisando os aspectos necessários para uma real compreensão, procurando fugir dos abismos que se encontram entre a pessoa que escreveu o texto, no caso seu autor, e o intérprete, que é o leitor.

Esta dissertação abordará a hermenêutica em seu sentido bíblico. Num primeiro momento faz-se necessário uma exposição sobre o que é a Bíblia, bem como os abismos que são necessários serem atravessados para se chegar a uma verdadeira interpretação. Em seguida urge a necessidade de se definir o termo hermenêutica e analisar como a hermenêutica se desenvolveu no decorrer dos séculos. Posteriormente os perigos das falácias hermenêuticas que tem causado muito estrago entre autores e principalmente entre leitores, e por fim uma visão atualizada da Bíblia, trazendo para os dias de hoje a importância de se fazer uma boa hermenêutica visando uma interpretação confiável e plena.

**2 – A Bíblia**

A Bíblia é sem dúvida o livro mais lido do mundo desde o período em que foi escrita até os dias hodiernos. De acordo com Berkhof (2004, p.34), a Bíblia é divinamente inspirada, sendo que inspiração é o termo utilizado para designar a influência sobrenatural exercida pelo Espírito Santo sob os autores dos livros da Bíblia e qualquer teoria ou análise hermenêutica que desconsidere sua inspiração divina deve ser desconsiderada.

Fica claro, segundo Berkhof (2004, p.36), que a autoria da Bíblia é divina e humana. Os autores humanos não foram meras máquinas na mão de Deus, assim o Espírito Santo não os privou de sua liberdade ou vontade e nem destruiu a sua individualidade. Vê-se por exemplo que Lucas investigou os fatos antes de escrever, também os exemplos de Moisés que expressou suas próprias experiências, dentre outros, o que de fato faz-se perceber que a Bíblia foi escrita por mãos humanas e inspiração divina, teve uma dupla autoria.

Ainda conforme Berkhof (2004, p.42), a Bíblia não foi feita, mas cresceu, e a composição de seus muitos livros marca os estágios de um desenvolvimento progressivo. Ela é, o produto de uma mente única, a corporificação de um único sentido que se ramifica em várias direções.

De acordo com Berkhof (2004, p.43), a Bíblia possui 66 livros e apesar de ser composta de vários livros possui uma unidade maravilhosa, o centro de todos os livros está voltado para Jesus Cristo, todos se relacionam a redenção e a obra de Deus na Terra. E esse fato, destes 66 livros que foram escritos em 1600 anos apresentarem uma unanimidade e íntima ligação é considerado uma das grandes maravilhas de todas as eras.

A Bíblia se divide em Antigo e Novo Testamento, e apesar dessa unidade, ambas apresentam algumas diversidades como traz a tona Berkhof (2004, p.44), segundo o autor o Antigo Testamento em seu conteúdo contém a promessa, já o Novo traz o cumprimento da promessa. Quanto a forma o Antigo é profético e o Novo é apostólico. E a escrita do Antigo foi em língua hebraica, com exceção de algumas passagens de Daniel, enquanto que o Novo foi escrito em grego-helenístico.

**3 – Os abismos**

Um dos maiores problemas para se compreender a bíblia é o fato de ela ter sido escrita a mais de três mil anos, como datam os escritos do Pentateuco, que de acordo com Zuck (1994, p.16), foi escrito em 1400 a.C., e o Apocalipse de São João por sua vez em 90 d.C. Assim para que se chegue ao entendimento da Bíblia numa linguagem hodierna, faz-se necessário atravessar alguns abismos específicos, sendo eles o cultural, o linguístico,o litterário, o espiritual, geográfico e cronológico.

O abismo do tempo, ou cronológico, de acordo com Zuck (1994, p.17), caracteriza-se pelo fato de existir uma gigantesca lacuna temporal que separa os autores dos primeiros leitores da Bíblia, como os leitores não estavam lá não há um fideísmo com relação ao que os autores escreveram.

O segundo abismo, tratado por Zuck (1994, p.17), é o do espaço, ou geográfico. Se levar em conta os atuais leitores da Bíblia, torna-se perceptível que quase a totalidade vive longe de onde foram escritos os primeiros textos inspirados, assim torna-se uma desvantagem pelo fato de não poder sentir na realidade o que se passava naquele tempo.

Um outro abismo ainda, que Zuck (1994, p.17) traz é o dos costumes, ou cultural, ao se analisar a cultura dos orientais e dos ocidentais, percebe-se claramente diferenças culturais, que interferem muitas vezes na interpretação da Bíblia. É de suma importância que se conheça os costumes da época em que a Bíblia foi escrita para melhor compreensão.

O abismo seguinte, é o dos idiomas, ou linguístico, segundo Zuck (1994, p.18), este abismo é um dos mais complicados a se transpor, pois existe muita diferença na forma de escrever, ler e interpretar dos povos bíblicos para os ocidentais principalmente. As línguas em que a Bíblia foi escrita, hebraica, grega e aramaica, se diferenciam e muito das latinas utilizadas por exemplo pelo povo brasileiro. Essa grande diferença traz muita confusão aos tradutores da Bíblia.

Um quinto abismo, apresentado por Zuck (1994, p.19), é o literário, ou da escrita, dificilmente os ocidentais, a maioria dos leitores bíblicos, costuma se comunicar por parábolas, por exemplo, e a Bíblia, por sua vez, é rica delas, assim há uma dificuldade muitas vezes na interpretação da mesma.

Por fim, um último abismo a ser traspassado, segundo Zuck (1994, p.20), é o abismo espiritual, ou sobrenatural. É importante destacar que há uma grande diferença entre a maneira de Deus agir e de seus leitores através da Bíblia. Sendo Deus o autor da Bíblia, ela passa a ser um elemento importante e singular no dia-a-dia, mas deve ser interpretada com cautela e cuidado.

**4 – Hermenêutica**

O termo hermenêutica apresenta diversas definições, como um bom exercício de interpretação serão abordados alguns dos conceitos que se encaixam ao termo hermenêutica na visão de diversos autores.

Para Zuck (1994, p.21), o termo hermenêutica derivam do verbo grego *hermeneuo* e do substantivo *hermeneia*. Esses termos relacionam-se ao deus Hermes, deus-mensageiro que possuía pés alados na mitologia grega, afirma-se que foi Hermes que descobriu a linguagem verbal e a escrita. Filho de Zeus, Hermes era o mensageiro oficial dos deuses. Assim, de acordo com Zuck (1994, p.22), a hermenêutica é a ciência e a arte de interpretar a Bíblia.

Já para Faria (s/a, p.4), a hermenêutica é a ciência da interpretação. E para ele literalmente é igual a exegese. Assim como Zuck, acredita também que a raiz da palavra Hermenêutica provem de Hermes, o mensageiro dos deuses. Para Faria o objetivo da hermenêutica seria o de trazer para a contemporaneidade uma interpretação da Bíblia.

Scherleiermacher (2000, p.15) acredita que a hermenêutica dita as regras e a explicação do procedimento interpretativo e mais ainda, vai além disso tudo e procura entender esse procedimento.

Para Berkhof (2004, p.9), hermenêutica é a ciência que ensina os princípios, as leis e os métodos de interpretação. Deve-se distinguir entre hermenêutica geral e especial, sendo a primeira aplicada a todos os tipos de textos, já a última a classes específicas, como por exemplo a hermenêutica Sacra, que volta seu olhar sobre a Bíblia e demais livros considerados sagrados.

De acordo com Stein (2008, p.19), o termo hermenêutica muitas vezes assusta as pessoas pela sua escrita, mas é algo simples que significa explicar ou interpretar e se origina do termo grego *hermeneuein*, ainda afirma que o termo aparece em João, Hebreus e Lucas. Assim, basicamente o termo hermenêutica designa a prática da interpretação.

Stein (2008, p.21), ainda afirma que são três os componentes de uma hermenêutica, a saber o autor, o texto e o leitor, sucessivamente, o codificador, o código e o decodificador. Se algum deles vier a faltar a comunicação se torna impossível.

Por sua vez Ricouer (1990, p.17), define o termo hermenêutica como sendo a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos.Efetua assim o discurso como um texto. Por fim, de acordo com Scocuglia (2003, p.4), o chamado pai da hermenêutica é Dilthey, para ele a hermenêutica poderia ser considerada a base para as ciências humanas, assim ele deu forças para que a hermenêutica fosse divulgada e explorada ao redor do mundo.

Assim, vê-se que no decorrer dos tempos muitos definiram o termo hermenêutica, cada um seguindo a sua fórmula e sua interpretação. A hermenêutica contudo foi evoluindo no decorrer dos séculos e se aprimorando até chegar aos dias hodiernos.

***4.1 – Hermenêutica cristã através dos tempos***

Focando nossa pesquisa na hermenêutica cristã, vê-se que ela foi sofrendo um processo de evolução histórica, passando pelo período Patrístico, pela rústica Idade Média, pelos conflitos da Reforma, através do Confessionalismo, até chegar no método Crítico-Histórico que a caracterizou firmemente.

No período Patrístico, Berkhof (2004, p.17), vai dizer que nesse período os princípios hermenêuticos estão associados a três diferentes momentos. O primeiro deles é a Escola de Alexandria, sendo ela um excelente local de aprendizado da época e de forte influencia, principalmente na análise hermenêutica alegórica, baseando-se numa harmonia entre religião e filosofia. Os principais representantes desta escola são Clemente de Alexandria e seu discípulo Orígenes.

Contrariando os Alexandrinos, surge a Escola de Antioquia, que segundo Berkhof (2004, p.18), é a escola que desencantou para o mundo Teodóro de Mopsuéstia e João Crisóstomo. E diferentemente dos alexandrinos eles prezaram por uma análise literal da Bíblia.

Um terceiro e último principio hermenêutico surgiu no Ocidente, e conforme Berkhof (2004, p.19), era um intermediário entre a alegoria Alexandrina e o literalismo Antioqueno. Ainda destacou-se por levar em conta a tradição da Igreja na interpretação da Bíblia. Dois grandes nomes dessa escola ocidental são Jerônimo e Agostinho de Hipona.

Berkhof (2004, p.23), diz que durante a Idade Média, muitos, inclusive membros do clero, viviam na ignorância sobre o entendimento da Bíblia, e o que conheciam vinha apenas da Vulgata ou da tradução dos Pais[[2]](#footnote-2) da Igreja. A Bíblia era considerada um livro cheio de mistérios, ao qual só poderia ser compreendido de uma maneira mística.

Assim, ainda na Idade Média, segundo Berkhof (2004, p.24), era aceito o sentido quádruplo da Escritura, que consistia em literal, tropológico, alegórico e analógico. E assim surge o principio na Idade Média de que a interpretação da Bíblia tinha que se adaptar a tradição e a doutrina da Igreja. Nem um único principio hermenêutico foi elaborado nessa época, assim ficaram com mãos e pés atados pela tradição oral e pela autoridade da Igreja.

A Renascença, ou período da Reforma, segundo Berkhof (2004, p.26), foi de grande importância para o desenvolvimento da hermenêutica. A renascença chamou a atenção dos leitores para que se voltassem ao original da Bíblia, era necessário uma volta a estudar os originais que foram escritos as Escrituras, em sua língua matriz.

Berkhof (2004, p.26), ainda afirma que os Reformadores criam na Bíblia como a Palavra inspirada de Deus, mas uma inspiração orgânica e não mecânica. Assim passaram a ensinar que a Igreja não determina o que a Escritura ensina, mas a Escritura deve determinar o que a Igreja deve ensinar, contradizendo assim os autores da Idade Média. Representantes desse período e que revolucionaram a Igreja são Lutero, Melanchitijon, que foi a mão direita de Lutero, Calvino, considerado o maior exegeta da Reforma e pro fim os Católicos Romanos, que também tiveram grande influencia.

Após a Reforma, de acordo com Berkhof (2004, p.27), entrou em cena o Confessionalismo, pois tornou-se evidente que os protestantes não haviam removido completamente o velho fermento. Assim esse período tem esse nome, pois os protestantes corriam o perigo de escravizar a hermenêutica aos padrões confessionais da Igreja. A exegese tornou-se serva do dogmatismo e degenerou-se em meras pesquisas de textos.

Por fim, no período chamado de Histórico-Crítico, segundo Berkhof (2004, p.29), o espírito de reação ganhou lugar de proeminência no campo hermenêutico e exegético. Foi o período da ação e reação. O elemento humano na Bíblia foi muito mais enfatizado do que já havia sido, tentou-se sistematizar a doutrina da inspiração, entre outras coisas contrárias.

Neste período, ainda de acordo com Berkhof (2004, p.32), surgiram as escolas Gramatical e Histórica. A primeira foi essencialmente sobrenaturalista e vinculava-se as próprias palavras do texto como fonte legitima de interpretação autentica e da verdade religiosa. Já a segunda promovia a ideia de que as Escrituras são produções humanas falíveis, e basicamente promoveu que a razão humana tornava-se árbitro da fé.

***4.2 – Falácias Hermenêuticas***

A palavra Falácia, segundo Carson (2007, p.9), é sinônimo de erro, embora seja uma palavra mais erudita, mais suave e menos chocante. E ao se analisar as interpretações hermenêuticas vê-se que muitas incorrem de falácias de diversos tipos, como as falácias vocabulares, gramaticais, lógicas e históricas e de pressupostos, que serão abordadas a seguir.

De acordo com Carson (2007, p.25), o vocabulário é riquíssimo, e tem um poder surpreendente, através das palavras as pessoas podem influenciar outras, seja para o lado positivo ou para o lado negativo. Logo, por sua inúmera quantidade e potencial, as Falácias Vocabulares são constantes e frequentes entre os pregadores da Palavra de Deus.

Um tipo de Falácia Vocabular muito encontrado, segundo Carson (2007, p.27), é a falácia do radical, esta consiste em que toda palavra tem um sentido estrito ao seu radical, assim o sentido da palavra é determinado pela sua raiz ou radical, e nem sempre isso funciona, principalmente quando se vai traduzir alguma coisa do hebraico para a língua vernácula.

Um outro tipo de Falácia Vocabular, segundo Carson (2007, p.31), é o anacronismo semântico, esta ocorre quando um significado mais recente de certa palavra é transportado para a literatura antiga. Acontece principalmente dentro de uma mesma língua, mas mais perigosa ainda quando se trata de uma tradução errônea.

Ainda um terceiro tipo de Falácia Vocabular que destaca Carson (2007, p.33), é a obsolescência semântica, esta é a imagem refletida pelo anacronismo semântico. Nesta o intérprete atribui a certa palavra de seu texto um significado que o termo costumava ter em tempos passados, mas que atualmente não se encontra mais dentro de um campo semântico.

Ainda dentro do campo das Falácias Vocabulares, Carson (2007, p.40) cita outros exemplos como a Paralelomania Verbal, o uso inadequado do material de apoio, a associação entre língua e mentalidade, as falsas pressuposições sobre significados técnicos e os problemas envolvendo sinônimos e a análise de componentes dentre outros, demonstrando que o campo vocabular é muito amplo e necessita de muito cuidado dos intérpretes para não se cair numa falácia hermenêutica.

Um outro tipo de Falácia são as Gramaticais, que segundo Carson (2007, p.63), são unidades sintáticas complexas e que podem ocorrer em muitos mais erros dos que os vocabulares.

Os exemplos de Falácias Gramaticais, segundo Carson (2007, p.64), pode-se falar no erro do tempo aoristo e suas derivações, que se relacionam ao tempo e modos verbais diversos, bem como a voz média, que supõe que todo ponto em que ela ocorre é reflexivo ou sugere uma ação por si só do sujeito.

Ainda dentro das Falácias Gramaticais, refere-se Carson (2007, p.75), que existem falácias ligadas a várias unidades sintáticas, como por exemplo as Condicionais, o artigo, que denota condições preliminares, as relações entre os tempos verbais, que surgem quando não se há o devido cuidado na tradução ou na interpretação dos tempos verbais.

Um terceiro grupo destaca Carson (2007, p.85), são as Falácias Lógicas, que ocorrem quando há falsas disjunções, quando se deixa de reconhecer distinções, quando há o uso da evidencia seletiva, também ocorre quando há o uso inadequado de silogismos, bem como uma confusão de cosmovisões diferentes, e também os apelos puramente emotivos.

Falácias Lógicas, segundo Carson (2007, p,103), ocorrem também quando há demasiada generalização e no uso de inferência negativas e injustificadas, que complicam a interpretação, bem como falsas declarações e rejeição arrogante, assim como o uso de analogias inadequadas para determinado local e reivindicações simplistas de autoridade e o uso de termos como obviamente e seus derivados.

Por fim, um ultimo grupo de Falácias apresentado por Carson (2007, p.117), consiste em Falácias Históricas e de Pressupostos, que levantam muitas questões históricas e filosóficas, e exercem importante papel na interpretação da Bíblia.

Falácias Históricas e de Pressupostos segundo Carson (2007, p.120), ocorrem quando há uma reconstrução histórica livre, quando se enfatiza demais uma reconstrução da história judaico-cristã remetendo-se ao primeiro século. Também ocorrem dentro dessas, falácias de causalidade, que são explicações falhas das causas dos eventos, também as falácias de motivação podem incorrer.

Ainda segundo Carson (2007, p.125), não são apenas esses quatro grupos de falácias que podem acontecer, mas existem diversos outros que por vezes distorcem a interpretação e prejudicam a análise do intérprete, cabe a este analisar minuciosamente tudo aquilo que ouve e lê, para que se faça uma verdadeira e boa hermenêutica, seja ela bíblica ou de qualquer outro texto afim.

**5 – Interpretações Hermenêuticas Bíblicas Ontem e Hoje**

Segundo Zuck (1994, p.31), o entendimento de como pessoas e grupos interpretavam a Bíblia antigamente pode funcionar para os dias hodiernos como uma forma de sinalização, advertindo, conduzindo e informando.

Como sinalizações de advertência, segundo Zuck (1994, p.32), o estudo da interpretação bíblica pode ajudar a enxergar os erros que outros cometeram no passado e suas consequências, evitando assim que o mesmo se repita. Como sinalizações de direção, indica o conhecimento de algo da evolução da interpretação bíblica ao longo dos séculos e ajuda a perceber a importância das interpretações corretas e o que elas implicam. E como sinalizações informativas, ajudam a entender a história da hermenêutica e algumas questões na maneira como foram abordadas no passado, informando como se chegar a interpretação da Bíblia nos dias hodiernos.

Assim, conforme Zuck (1994, p.323), nos dias de hoje quando os cristãos põem a Bíblia em prática insistem em cair em dois erros, ou se preocupam de menos com sua aplicação, ou se preocupam demais.

Os do primeiro grupo acreditam que tudo já está revelado e respondido e se contentam com explicações que outros já deram, não se aprofundando e nem se dando ao trabalho de interpretar a sua maneira as palavras lidas. Os do segundo grupo tem a tendência de passar logo a aplicação sem nem ao menos procurar interpretar aquilo que leram, incorrendo muitas vezes em erros falaciosos e que prejudicam a real veracidade da Bíblia.

Por fim, Zuck (1994, p.324), afirma que o conhecimento da Bíblia e sua interpretação correta são essenciais, porém somente isso não basta, é preciso ter o coração aberto e a disposição de apropriar as verdades bíblicas para a realidade ao qual se está inserido.

**6 – Considerações Finais**

A hermenêutica é muito importante em todas as áreas em que ela se aplica, mas principalmente numa cosmovisão cristã para os estudos e a interpretação da Sagrada Escritura.

Todo bom pregador da Palavra de Deus tem que saber interpretá-la, e de uma maneira correta, sem cair nas falácias e nos erros que percebeu-se no decorrer dos séculos, procurando inculcar para si o conhecimento transmitido a séculos e passar o mesmo para frente.

Para que se haja uma correta interpretação da Palavra de Deus para que possa passá-la adiante, é necessário orar sobre a Palavra, e tirar tempo, as coisas de Deus exigem tempo e auxiliam na busca de um viver correto, assim ao analisar o passado e concluir que os erros não devem ser repetidos, o intérprete deve aprofundar-se cada dia mais para não cometer erros e levar adiante somente aquilo que em verdadeiro.

Assim, trazendo para os dias atuais aquilo que é bom e deixando no passado o que foi ruim, e procurando fugir das falácias e erros que causaram muita confusão e ainda infelizmente causam, ao intérprete, seja ele um estudioso, ou pastor, ou padre, ou um pregador que anuncia a Palavra de Deus, deve saber que será um instrumento poderoso e que tem em mãos a maior arma que já existiu, a Bíblia, a Palavra de Deus, e suas palavras podem tanto salvar uma pessoa, como condená-la, cabe a consciência de cada um em saber o poder que carrega nos lábios e no coração e fugir dos erros.

**7 – Referências Bibliográficas**

BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica:** para orientação no estudo das escrituras e para o uso em seminários e institutos bíblicos. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

CARSON, D. A, **Interpretação bíblica**: a exegese e suas falácias. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FARIA, Marcos A. **Introdução a hermenêutica .** S/a.

RICOUER, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

SCHERLEIERMACHER , Friedrich D. E.. **Hermenêutica:** arte e técnica de interpretação. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOCUGLIA, Jovanka. **A hermenêutica de Wilheim Dilthey e a reflexão epistemológica nas ciências humanas contemporâneas**. In Sociedade e Estado, Brasília, v.17, n.2, 2003.

STEIN, Robert H. **Guia básico para a interpretação da bíblia.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2008.

 ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica:** meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994.

1. O autor, Samuel Colombo Pirola, é Bacharel em Filosofia, graduando em Teologia e pós-graduando em Liderança e Administração Eclesiástica. [↑](#footnote-ref-1)
2. Pais = Padres da Igreja, referente ao período Patrístico. [↑](#footnote-ref-2)